

Fernando Diogo, sociólogo

“Cortes cegos no RSI terão impacto negativo nas famílias”

Fernando Diogo, sociólogo, professor associado com agregação da Universidade dos Açores, é coordenador do pólo do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - Pólo da Universidade dos Açores e director do mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais.

Tem sido dos investigadores que mais trabalhos têm publicado sobre a temática da pobreza nos Açores, com imensos trabalhos publicados sobre a temática.

O *Jornal do Pico*, com quem o *Diário dos Açores* tem um protocolo de intercâmbio, esteve à conversa com ele.

Há quem afirme que “os Açores são uma região pobre”. Pode explicar esta afirmação?

Por estranho que pareça não é uma afirmação verdadeira.

Há já algum tempo que os Açores, em termos de PIB per capita (riqueza produzida num ano por indivíduo) ultrapassaram as Regiões Norte e Centro.

A afirmação correta é que os Açores são, de longe, a região do país com mais pobres.

A diferença entre a primeira afirmação e a segunda está na desigualdade de distribuição de rendimento.

A nossa região é aquela onde essa desigualdade é maior, tendo destronado no primeiro lugar, em tempos recentes, a região de Lisboa e Vale do Tejo (também designada como Área Metropolitana de Lisboa) como a região mais desigual do país.

Mas o facto dos Açores serem a região com mais pobres no país, quase um terço da população residente, não



se explica apenas com a desigualdade de distribuição de rendimento.

A questão é complexa e existem diversos fatores que contribuem para esse resultado.

Por exemplo, e é apenas um exemplo, o facto de ser a região mais jovem do país (ou menos envelhecida) tem aqui um papel importante.

É que a pobreza é sempre maior entre as crianças e jovens (até aos 17 anos) e entre famílias com crianças e jovens. Ora, como os Açores são a região onde há mais crianças e jovens, e aonde, ainda por cima, as famílias são maiores, isso ajuda a explicar o elevado nível de pobreza regional.

Mas, insisto, existem outros fatores que são necessários de se ter em conta para se perceber a pobreza nos Açores.

A especialidade produtiva da economia açoriana, a estrutura de qualificações da população (isto é a escolaridade) ou o peso da história, para referir apenas os mais importantes.

A questão é complexa e difícil de sintetizar numa linha.

Os cortes anunciados (pela coligação governativa) no Rendimento Social de Inserção (RSI) vão criar problemas na sociedade açoriana?

Tudo dependerá de como forem feitos.

Claro que se forem cortes cegos isso terá um inevitável impacto negativo, não apenas nas famílias que usam esse dinheiro para aumentar o seu orçamento familiar (nestes casos muito escasso) mas também nos pequenos comerciantes locais que precisam do consumo dessas famílias para sobreviverem. Isto no contexto da pandemia.

Por outro lado, se o motor desses cortes for, como anunciado, a inserção no mundo do trabalho de pelo menos uma pessoa de cada uma dessas famílias, o impacto será, até, muito positivo.

É claro que entre os beneficiários do RSI existem já muitas pessoas que trabalham – por surpreendente que possa parecer – nestes casos a prestação é um complemento a rendimentos de trabalho muito baixos.

Aliás, os Açores são a região do país onde a prestação média é, de longe, mais baixa.

E isso tem a ver com a existência de rendimentos de trabalho nas famílias beneficiárias.

Eu estou expectante e faço fé nas declarações moderadas que já vieram a público, por parte de responsáveis da bancada do Governo.

Há também um histórico do PSD e CDS regionais que vai no sentido de uma maior preocupação com as pessoas do que as últimas lideranças destes

partidos a nível nacional. Isso ajuda-me a pensar que os cortes anunciados podem, e sublinho o condicional do “podem”, não ter um impacto negativo assim tão grande.

De qualquer forma esse impacto será sempre diferenciado pelas ilhas.

O peso dos beneficiários desta medida no Pico é muito diminuto em contraste com o seu grande peso em S. Miguel e, também mas em muito menor grau, na Terceira.

No caso do Pico, o que pode dizer sobre a situação económica?

Muitos dos dados importantes não existem por ilha ou concelho.

De facto, alguns dos dados de que precisamos nem existem por regiões, apenas para a totalidade do país.

Isso limita muito o que podemos saber sobre a ilha.

Sabemos que é uma ilha envelhecida onde o turismo e a reconversão da vinha trouxeram uma nova dinâmica.

Se os Açores são a mais jovem região do país e três dos cinco concelhos mais jovens do país ficam no arquipélago (Ribeira Grande, Vila Franca do Campo e Lagoa), a Região está, também, cheia de contrastes internos.

Precisamente, um desses contrastes passa pela existência de um grupo de ilhas muito envelhecidas, onde se inclui o Pico. A renovação das gerações é, para o caso do Pico, o segundo grande desafio ao desenvolvimento.

Sendo que o primeiro é comum a toda a região (e até ao país): o aumento das qualificações da população, em particular a ativa, para os valores médios europeus (isto é, para o 12º ano – e ainda estamos longe).

*Exclusivo Jornal do Pico/
Diário dos Açores*

Segredo da Visita Régia aos Açores

Henrique Levy lança hoje novo livro



O escritor Henrique Levy lança hoje, pelas 20h, nos Açores, o seu novo livro “Segredo da Visita Régia aos Açores”.

O lançamento será online, no Facebook e Youtube da Platano Editora, num live streaming protagonizado pelo autor.

A apresentação da obra está a cargo de Aníbal Pires.

No alvorecer do século XX, o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia visitam as ilhas atlânticas.

A mulher de um influente

político do reino, que acompanha os monarcas na visita régia, esconde, em segredo, o símbolo da queda de um regime e ascensão de outro.

“Segredo da Visita Régia aos Açores” tece nos fios do tempo, do início desse século, o retrato vivo do quotidiano do tecido social que então compunha a sociedade portuguesa.

Poeta e romancista, Henrique Levy diz-se portador de uma identidade com várias per-

tenças.

Cidadão português, nascido em Lisboa, com nacionalidade cabo-verdiana, agora residindo em S. Miguel, é autor de três romances e livros de poesia.

Iniciou a sua actividade profissional no Oriente.

Peregrinou por vários países da África Austral, da Ásia e da Europa.

É mandatário nos Açores da candidatura presidencial de João Ferreira.